

Mapas para perder tempo

Maps to waste time

Mapas para perder el tiempo

Juliana Pautilla

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Trabalho submetido: 15/06/2025
Aprovado: 21/07/2025

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-No Derivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>
© 2025 Juliana Pautilla

RESUMO

Resenha crítica de *Mapas Inventados*, trabalho da artista caminhanter mineira residente em São Paulo, Jéssica Lauriano. A palavra *processo* tem caráter de obra, já que seus trabalhos se caracterizam pela repetição, longevidade e acúmulo de experiências a partir de caminhadas na cidade. É das caminhadas e de seus registros que suas criações se apresentam no tempo-espaço. Essa escrita foi realizada como exercício teórico durante processo de acompanhamento artístico que a autora fez com a artista, a partir de conversas, anotações pessoais da artista, textos produzidos e imagens do experimento poético *Mapas Inventados*.

Palavras-chave: deriva, experiência, arte contemporânea, artista caminhanter

ABSTRACT

Critical review of *Maps Invented*, a work by Jéssica Lauriano, a walking artist from Minas Gerais and based in São Paulo. The word process has the character of an oeuvre, as her works are characterized by repetition, longevity, and the accumulation of experiences stemming from walks in the city. It is from these walks and their recordings that her creations are presented in time and space. This writing was undertaken as a theoretical exercise during an artistic mentoring process the author conducted with the artist, drawing on conversations, the artist's personal notes, produced texts, and images from the poetic experiment *Maps Invented*.

Keywords: drift, experience, contemporary art, walking artist

RESUMEN

Reseña crítica de *Mapas Inventados*, obra de Jéssica Lauriano, artista caminante de Minas Gerais y residente en São Paulo. La palabra proceso tiene el carácter de una obra, ya que sus obras se caracterizan por la repetición, la longevidad y la acumulación de experiencias derivadas de paseos por la ciudad. Es a partir de sus paseos y sus registros que sus creaciones emergen en el tiempo y el espacio. Este escrito se realizó como un ejercicio teórico durante un proceso de mentoría artística que la autora llevó a cabo con la artista, basándose en conversaciones, notas personales de la artista, textos escritos e imágenes del experimento poético *Mapas Inventados*.

Palabras clave: deriva, experiencia, arte contemporáneo, artista caminante

Juliana Pautilla (Juliana Macedo Carneiro) é mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora junto à PUC-São Paulo, na área de Psicologia Clínica.

<https://orcid.org/0009-0008-7577-9377> | jupautilla@gmail.com

Mapas para perder tempo

No walk, no work (sem caminhar, sem obra)¹ é uma frase de Hamish Fulton, artista inglês caminhante que suscito para pensar o trabalho de Jéssica Lauriano², que vem desenvolvendo, desde 2020, uma extensa produção relacionada à caminhada com registros em diversos suportes – fotografias, diários, vídeos, desenhos e colagens. É das caminhadas que sua produção artística se desenha. Esse ensaio crítico surgiu de conversas da autora desta resenha através do acompanhamento artístico que realiza com Jéssica Lauriano, de anotações pessoais da artista e de textos produzidos para uma série de exercícios, práticas e registros, nomeada *Mapas Inventados*. Neste trabalho, a artista pediu a pessoas próximas para enviarem mapas e/ou instruções para que realizasse suas caminhadas. Ao todo, foram 9 mapas-instruções enviados. A série será organizada e editada em uma publicação e pretende ser uma espécie de livro de bolso para sair de casa, praticar a errância e perder tempo.

Quando se pensa a caminhada como prática artística no campo da história da arte, há uma série de procedimentos e convites para imaginação, introspecção, exploração na relação arte e vida, o questionamento da funcionalidade na cidade e, sobretudo, há um chamado para a experiência e para a relação do caminhante com o espaço vivente, como resistência ou reivindicação do humano no espaço público. O andar desinteressado e o percurso funcionam como expressões subjetivas que cada artista estabelece com sua prática. Autores como Francesco Careri, Jacopo Crivelli Visconti, Paola Berenstein Jacques, Lauren Elkin e Rebecca Solnit trataram da necessidade de escrever uma história do caminhar sob a perspectiva das práticas artísticas, trazendo a importância da singularidade nos processos e práticas nesse campo. Todos esses autores relacionam – seja nas artes visuais, na arquitetura ou na literatura, e até na composição desses campos – o caminhar como criação artística com/na experiência da cidade: caminhar como performance, gesto político, poética, resistência, apropriação do espaço, entre outros modos de subverter lógicas hegemônicas,

1 Tradução da autora.

2 Jéssica Lauriano (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1991) é artista, com uma prática que registra e habita as nuances do cotidiano. Aborda a caminhada em paisagens urbanas e rurais como meio expressivo e utiliza diferentes suportes para registros e criação: vídeo, fotografia, desenho e escrita. Atua na gestão e produção de programas de residências artísticas: Programa Pororoca, São Paulo (cocriadora) e Casa Líquida, São Paulo (parte da equipe). Trabalha na produção e comunicação da Aruac Filmes. Graduada em Direito pela PUC Minas (2015) e em Teatro pelo CEFAR – Fundação Clóvis Salgado (2013), com formações complementares em performance (Parque Lage, Rio de Janeiro), teatro (Galpão Cine Horto, Minas Gerais, e na PUC - Escola de Teatro, Minas Gerais), e cursos livres em cinema.

dentro de movimentos como dadaísmo, surrealismo, a internacional situacionista, o minimalismo e a *land art*.

Jéssica Lauriano caminha desde criança, sendo uma prática desenvolvida com familiares e amigos: acampar e andar em trilhas nos arredores de Belo Horizonte. Mas foi na sua formação artística, no teatro e na *performance*-arte, que a relação entre caminhada e produção estética começou a se delinear. Morando em São Paulo desde 2016, ela se encontrou com a cidade pelos pés, pela vontade de se perder. Um gesto, uma necessidade que toma sentido pela ação de se deslocar, muitas vezes sem um destino prévio.

Segundo Jéssica Lauriano (comunicação pessoal, 13/6/2025):

A intenção de caminhar exige uma presença extracotidiana; esse estado me interessa, uma vez que minha atenção se intensifica. Uma atenção ao corpo, à respiração, aos sons, às texturas da cidade. Quero encontrar um equilíbrio entre o corpo performativo e o corpo cotidiano, ativando um estado sensível no gesto simples de caminhar.

A noção de extra cotidiano remonta de algum modo às práticas cênicas, em que esse termo tem um significado importante no que tange à criação de um corpo cênico, a partir da alteração de suas percepções através de técnicas teatrais, como uso de máscaras, exercícios corporais intensos, respiração etc. Mas Jéssica Lauriano encontra a possibilidade de pensar esse extra cotidiano pelo simples ato de caminhar. Cotidiano e extracotidiano se misturam. Há em sua prática uma relação intrínseca com o que Michel Foucault (2006) chamou de “estética da existência” a partir de “cuidados de si”. O autor reivindica o sujeito da ação, vai até às éticas greco-romanas, em que a filosofia peripatética é uma prática para romper com a lógica de confinamento própria das instituições. É no caminho ético que a singularidade cria suas frestas. Foucault pergunta como inventar liberdades em espaços de sujeição e transformar corpos na direção da liberdade para sair da domesticação imposta pelas estruturas de poder: “a partir da

ideia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte” (Foucault, 1985, p. 50).

Jéssica (comunicação pessoal, 13/6/2025) comenta que na cidade, diferentemente das trilhas rurais que fazia, era guiada, a princípio, pelo impulso simples de sair de casa e andar sem rumo certo. Percebeu então que partia de um certo ponto e acabava por circunscrever áreas conhecidas. Ao ver essa repetição, começou a criar estímulos para sair da habitualidade, usando mapas de São Paulo. Ia até bairros ou estações de metrô desconhecidas e fazia dali seu ponto de partida. E foi dessas experiências anteriores, que também praticou em outras cidades, da referência direta de *Map Piece* de Yoko Ono e, sobretudo, de uma inquietude afetiva, que o projeto *Mapas Inventados*³ foi criado.

Map Piece são poemas-coordenados (1962-1964) que desafiam a noção do que comumente se entende pela função de um mapa, que serve para se localizar e não se perder. E como inventar mapas para literalmente se perder?! A instrução, e o que dessa instrução pode afetar no caminhante, é bem mais importante que a função de destino calculado. Sobre sua motivação, Lauriano (2024), escreve:

Estou em um momento em que tenho tido episódios de profunda apatia, o que se mistura com uma não ação para a vida e uma paralisação. Só consigo sair desse estado a partir do comando externo de alguém. Pensei que também posso caminhar a partir de comandos externos, pedindo pessoas próximas para desenharem mapas inventados para mim. Esse é um exercício que de tempos em tempos retorno. Eu me guio a partir de cada mapa pelo espaço que eu estiver. Esses mapas, junto à caminhada e às relações que crio, me ajudam a transformar estados físicos e mentais.

E foi esse o pedido de Jéssica Lauriano a seus amigos, amigas e parentes: que fizessem um mapa para orientar suas caminhadas, como se pudessem orientar percursos reais. Cada um teve

3 Parte do material está disponível no site <https://deslocarparaampliar.hotglue.me/?start>.

liberdade criativa, sem intervenção da artista. Em geral, os mapas tiveram como referência a ideia de localização ou uma imaginação de localização de cada pessoa ativando sua subjetividade e espacialidade. Com cada ficção, uma fricção: o fator lúdico da troca entre a artista e seus interlocutores.

Durante a caminhada, Jéssica Lauriano registra os percursos com câmera analógica, grava os caminhos com aplicativo de geolocalização, anota os horários exatos de cada fotografia feita. Quando anota o horário das imagens, sua intenção é pensar na ideia de *frames*, como se pudéssemos ver o que ela captura de tempos em tempos, ou *frames* em *frames*, no percurso que caminha.

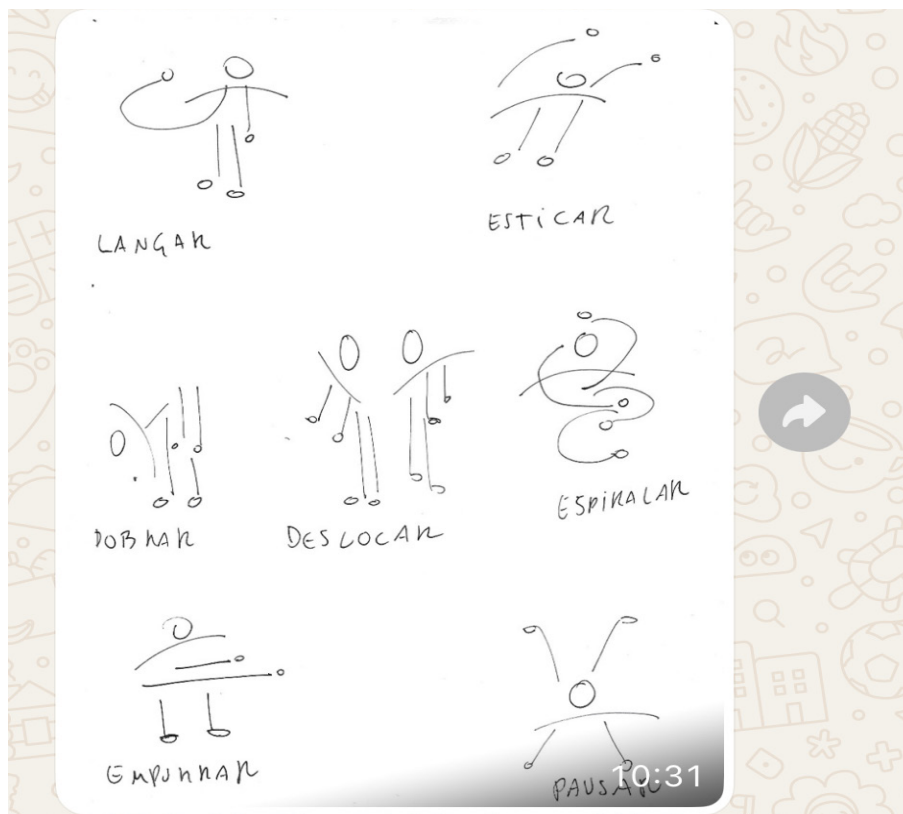


Fig. 1 - Mapa enviado por Raquel Froes (filósofa e bailarina de Belo Horizonte). WhatsApp, 2024.



Fig. 2 - Desenho de percurso feito a partir de aplicativo de geolocalização. Jéssica Lauriano, Caneta nanquim preta 0,2 sobre papel branco, 21 x 14 cm.



Fig. 3 - Registro de caminhada, fotografia analógica. Jéssica Lauriano, 2024.



Fig. 4 - Registro de caminhada, fotografia analógica. Jéssica Lauriano, 2024.



Fig. 5 - Registro de caminhada, fotografia analógica. Jéssica Lauriano, 2024.

Quando fotografa, Jéssica Lauriano se interessa em capturar os vestígios de brechas da cidade, cotidianos invisibilizados da cidade do consumo, detalhes que marcam sua não oficialidade ativada pelas percepções e mudanças que o caminhar lhe causa. Ela está atenta à experiência sensível, ao acesso a um estado de presença extra cotidiano que intensifica sua atenção ao corpo, à mudança da respiração, a atenção às mudanças sonoras e às texturas do espaço urbano. Há um diálogo constante com as instruções dos mapas como se eles servissem de texto, estímulo, diálogo, brincadeira. Neste mapa-instrução, é instada a mover o corpo. O mapa é o próprio corpo no espaço e suas mudanças de forma.

As ideias de deriva, experiência e cartografia afetiva são elencados por Jéssica Lauriano para dizer de sua prática. A deriva para ela é se deslocar sem um destino fixo, explorando o espaço de forma sensível e intuitiva. Para ela, a experiência é o que vivencia e as alterações de seu modo de pensar, agir e estar no mundo. Já a cartografia afetiva é um modo mais poético de ler ou entender um mapa, ou de vivenciar o espaço, que leva em consideração suas afecções e afetos.

A deriva foi um princípio das práticas situacionistas. Trago aqui uma citação de Paola Berenstein Jacques:

A deriva é um modo de comportamento experimental numa sociedade urbana. Além de modo de ação, é um meio de conhecimento, especialmente no que se refere à psicogeografia e à teoria do urbanismo unitário. Os outros meios, como a leitura de fotos aéreas e mapas, o estudo da estatística, de gráficos ou de resultados de pesquisas sociológicas, são teóricos e não possuem este lado ativo e direto que pertence à deriva experimental (2003, p. 80).

A prática de Jéssica Lauriano não dialoga diretamente com as propostas situacionistas, mas dela faz ecos históricos. Lauriano mistura o intuitivo e o objetivo, deriva também com cálculo imaginativo, o percurso externo altera as mudanças internas do

corpo. Quando desenha o mapa em nanquim a partir do percurso orientado pelo aplicativo de geolocalização, isso diz de uma necessidade de transformação na linguagem de localização. Linhas, fotografias e a imaginação do tempo grafam a experiência. O registro parece uma maneira de grafar. Nesse sentido, há uma preocupação estética com o material produzido, bem como a vontade de deixar o vestígio de um olhar. O espectador se torna testemunha-experiência através do material produzido.

No deslocar-se, a artista poetiza a vida, modo político de conectar corpo, espaço e tempo: o corpo feminino que deriva, e assim inventa um território temporário que não se dobra aos princípios das urbanidades, desafia a noção de tempo e sua funcionalidade. Sensível ao olhar do outro, as capturas imagéticas dão pistas. Outros sentidos então se produzem, os dela e os de quem tem contato com os registros. O corpo (olhar – andar) reivindica seu protagonismo, anunciando que percursos e processos são mais interessantes que destinos. Não há necessidade de conhecer a cidade, mas de experienciar as mudanças do corpo atravessado pela cidade. O corpo é esse catalizador das sensações múltiplas que surgem nos percursos.

Referências

Careri, F. (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. G. Gili.

GROS, F. (2010). *Caminhar, uma filosofia*. É Realizações.

Elkin, L. (2022). *Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres* (D. Bottmann, Trad.). Fósforo Editora (original publicada em 2016).

Foucault, M. (2006). *A hermenêutica do sujeito* (2ª ed.). Martins Fontes.

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (6ª ed., M. L. G. Cruz, Trad.). Graal.

Jacques, P. B. (Org.). (2003). *Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Casa da Palavra.

Lauriano, J. (2025, 13 jun.). *Comunicação pessoal*.

Lauriano, J. (2025). *Mapas inventados* [Manuscrito não publicado]. São Paulo.

Lauriano, J. (2024). *Deslocar para ampliar: Site em construção para a série Mapas Inventados*. Recuperado em 10/7/2025. <https://deslocarparaampliar.hotglue.me/?start>

Solnit, R. (2016). *A história do caminhar* (D. Bottmann, Trad.). Martins Fontes.

Tietz, A. (2018). O caminhar na história da arte: Uma proposta de revisão. *Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP)* (1005–1016). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes.

Visconti, J. C. (2014). *Novas derivas*. Martins Fontes.

arte
:lugar
:ciade